



Jornal da Facom/UFJF: uma experiência empírica sobre o fazer jornalístico¹

Guilherme FERNANDES²

Antônio CELESTINO³

Igor CUPERTINO⁴

Marcello MACHADO⁵

Patrícia MENDES⁶

Flávia PARAVIDINO⁷

Francislene de PAULA⁸

Thais TORRES⁹

Cristina BRANDÃO¹⁰

Eduardo LEÃO¹¹

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Entre os programas jornalísticos de TV, o telejornalismo configura-se como síntese do formato televisivo presente em todos os canais. Neste trabalho, apresentamos dois produtos jornalísticos, um tradicional e outro em formato de ‘revista eletrônica’, realizados pelos alunos do nono semestre do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A partir de algumas imbricações teóricas sobre os fundamentos do jornalismo, buscamos produzir um produto empírico/experimental que se aproximasse do modelo realizado pelas principais empresas televisivas do país, mas que ao mesmo tempo, desse conta das nossas angústias como críticos/espectadores dos produtos das mídias.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; telejornalismo; Jornal da Facom; reportagem; UFJF

INTRODUÇÃO

Por vezes marcada por instantaneidade envolvente, ritmo vibrante, espetáculo sensacional, linguagem simples, sensação imediata, superficialidade e ficcionalização do real, a televisão – mais especificamente, o gênero telejornalístico – busca sensibilizar telespectadores, podendo provocar-lhes reações, reflexões e emoções. Na verdade, o telejornal integra a programação televisiva brasileira atendendo a uma determinação legal e oferecendo ao público informações a respeito de fatos semanais, diários ou mesmo instantâneos. *A priori*, a notícia pode, pois, ser conceituada como informação a serviço do público, sendo que a

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Programa laboratorial de telejornalismo.

² Aluno já graduado no curso Comunicação Social da UFJF-MG e líder do grupo, email: gui_facom@hotmail.com.

³ Aluno já graduado no curso Comunicação Social da UFJF-MG, e-mail: celestinoweb@gmail.com.

⁴ Aluno já graduado no curso Comunicação Social da UFJF-MG, e-mail: igortbc@gmail.com.

⁵ Aluno já graduado no curso Comunicação Social da UFJF-MG, e-mail: marcelloacesso@yahoo.com.br

⁶ Aluna já graduada no curso Comunicação Social da UFJF-MG, e-mail: patytricinhajf@hotmail.com.

⁷ Aluna já graduada no curso Comunicação Social da UFJF-MG, e-mail: ruivavp@hotmail.com.

⁸ Aluna já graduada no curso Comunicação Social da UFJF-MG, e-mail: franzete@yahoo.com.br.

⁹ Estudante do 10º. Semestre do Curso Comunicação Social da UFJF-MG, email: thais_ml@hotmail.com.

¹⁰ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso Comunicação Social da UFJF-MG, email: cristinabrandao49@yahoo.com.br.

¹¹ Orientador do trabalho. Professor mestre do Curso Comunicação Social da UFJF-MG, email: eduardo.leao@ufjf.edu.br.



relevância do fato costuma ser julgada pelo jornalista na filtragem dos acontecimentos até sua exibição televisual.

Nessa perspectiva, o noticiário tem a missão de esclarecer fatos, tendo a verdade como limite e a clareza como sua primeira regra, sob o prisma da comunicabilidade. Além disso, também são importantes ao telejornalismo a precisão – exatidão e exposição de vários pontos de vista – e o equilíbrio, não se atendo apenas a confrontar opiniões discordantes, mas investigando e apresentando fatos.

Apesar da desvantagem da TV em ser considerada superficial, o meio possui uma qualidade – a presença da imagem –, capaz de ocasionar um novo momento no processo global da informação. Assim, o veículo – e o telejornalismo, de forma mais específica – podem “abrir o apetite” dos telespectadores e incentivar a investigação e a busca mais diversificada por outros dados do fato. Há, portanto, um poder motivador na televisão como meio de comunicação.(PATERNOSTRO, 1999).

Por outro lado, devido à considerável quantidade de informações, combinada a um ritmo ágil, os receptores podem ser distraídos até o fim do telejornal. Afinal, os próprios acontecimentos abordados são, em muitas ocasiões, fragmentos de um evento maior – seu contexto –, tratados como notícia isolada – o que, de fato, pode configurar uma exposição falsa da realidade, porque sonega informações relevantes para seu entendimento mais amplo. Por essa razão, o telejornal acaba recolhendo os fatos da realidade e criando uma nova, com as notícias produzidas.

Com base em tais pressupostos introdutórios, apresenta-se este *paper*, contendo informações acerca do produto audiovisual inscrito para o Expocom 2010: o Jornal da Facom, um telejornal experimental produzido por alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG), ao passarem pela disciplina prática de técnica e produção em TV. A disciplina “Técnica de Produção em Televisão”, conhecida como mergulhão de TV, é obrigatória para todos os alunos. A disciplina tem a carga horária de 120 horas, sendo lecionada por meio semestre (a turma é dividida em duas, enquanto uma parte fazia o mergulhão de TV, outra estava cursando o de hipermídia. Os membros do grupo já haviam passado pelos mergulhões de rádio e de impresso no semestre passado) por dois professores (Dra. Cristina Brandão e Ms. Eduardo Leão).

Ao longo da disciplina (março a maio de 2009) foram produzidos três telejornais. Os dois primeiros com duas matérias de cada aluno (uma como repórter e outra como cinegrafista) e o último com uma matéria por dupla. Também nos dois primeiros telejornais uma dupla ficou responsável por editar todas as matérias produzidas, sendo que essa dupla não

fez nenhuma matéria. Já telejornal especial, cada dupla editou a própria matéria com a supervisão de uma dupla, que seriam os “editores gerais”, também responsável por editar as “cabeças” previamente gravadas.

Expõem-se, para isso, duas das edições (das três produzidas na disciplina) do programa realizadas durante o primeiro semestre de 2009: uma delas em formato de telejornal tradicional (finalizada em abril de 2009) e outra com matérias também jornalísticas, mas num formato mais próximo da revista televisiva, embora podendo ser enquadrado como telejornalismo (finalizada em maio de 2009).

2 OBJETIVO

Avaliando se existe vida fora da televisão, o jornalista e sociólogo Marcondes Filho pontua (2002, p. 79) que o gênero telejornalístico é o mais importante em termos de noticiário de TV e a melhor síntese do formato televisivo, apresentando, também, um caráter existencial e espetacular, reforçado no decorrer de sua história:

[...] os fatos – todos eles – carecem de um *tratamento mediático* para efetivamente existirem. O novo sentido do *ex-sistir* (do “sair de si”) não está numa “abertura do ser” (Heidegger), mas, ao contrário, num mascaramento, num representar o mundo de forma mais agradável, emocionante, espetacular. [...] O telejornalismo foi, em seu início, uma variante do jornalismo impresso. Era uma espécie de leitura televisionada de notícias da imprensa. Como no cinema, o apresentador não passava de um narrador, uma voz de fundo, ilustrando as imagens. Com a criação da linguagem própria da TV, advinda do desenvolvimento técnico (reportagens, videoteipes, criação de vinhetas, do cenário específico), particularmente a partir dos anos 60, o telejornal ganha uma roupagem própria, transformando a simples leitura de notícias num show televisivo. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 79-80, grifo do autor).

Dessa forma, o autor defende que a tecnologia é a prova de existência atual, de modo que todos os fatos jornalísticos precisariam passar pela TV para serem legitimados como existentes. Para Marcondes Filho (2002, p. 81), o jornalismo torna-se uma máquina de produzir sempre o mesmo, independentemente do conteúdo diferente do dia-a-dia, comparando os jornalistas a funcionários de uma linha de montagem acelerada.

Apesar de demasiadamente genérica, a afirmação do autor é útil para que se critique a padronização de enfoques e caracterizações em distintos telejornais. Afinal, comumente se percebe o quão semelhantes são produtos jornalísticos de diferentes emissoras televisivas, no que diz respeito a cenários, figurinos, pautas, enquadramentos, formatos de reportagens e uso de recursos parecidos, como a utilização de “selos” visuais atrás dos âncoras no anúncio das matérias e a presença, praticamente necessária, de um “personagem” para certa reportagem.

Diante de tais peculiaridades e com o objetivo de conhecer as características do gênero telejornalístico na prática, os alunos deram continuidade ao projeto “Jornal da Facom”, de modo que o primeiro formato inscrito no Expocom visa a desenvolver, empiricamente, o



modelo-padrão de telejornalismo. Afinal, até para que se proponham eventuais mudanças em formatos engessados e tradicionais, faz-se importante, primeiramente, conhecer bem o *status quo* do meio, ou seja, é necessário saber fazer telejornalismo nos moldes consensuais para que, futuramente, seja possível propor aperfeiçoamentos constantes, pertinentes, viáveis e produtivos.

No segundo telejornal inscrito, inclusive, já se buscou uma mudança de formato, com o objetivo de continuar a experimentação aplicada no produto anterior, porém com mais ousadia. Deixando a bancada tradicional onde se sentam os âncoras, os apresentadores optaram por ficar de pé. Ao invés de abordar temas locais (de Juiz de Fora), a equipe viajou para uma cidade não tão conhecida por seus integrantes – São João Del Rei –, onde puderam criar ou aprofundar suas pautas e realizar suas matérias. Em vez de notícias factuais, a intenção foi desenvolver reportagens mais “frias”, revelando curiosidades e atrativos da cidade histórica mineira.

Logo, o objetivo dos vídeos foi proporcionar, aos estudantes, a oportunidade de aprendizado prático, uma vez que já haviam passado por disciplinas mais teóricas acerca da televisão. Além disso, buscou-se estreitar o relacionamento interpessoal no trabalho em equipe dos oito alunos da disciplina, de modo que cada um desempenhava sua função na elaboração dos audiovisuais – à semelhança do que ocorre no mercado de trabalho. Com os dois programas inscritos, também se objetiva mostrar a possível diferença de formatos telejornalísticos – não apenas na esfera acadêmica, mas, também, na profissional.

3 JUSTIFICATIVA

A jornalista Olga Curado (2002, p. 15-16) explicita que a notícia é uma informação que tem relevância para o público, de forma que a importância de um acontecimento é avaliada pelo jornalista, julgando se o fato é notícia e deve ser divulgado. Por essa definição, percebe-se a necessidade de se estudarem, nas escolas de comunicação, os mecanismos pelos quais é moldado o telejornalismo – principalmente, o brasileiro. A busca por compreendê-los, questioná-los e analisá-los criticamente faz-se imprescindível à formação profissional mais ampla, consistente e eficaz da geração atual de novos jornalistas.

Além dessa importância intrínseca, a produção de vídeos como estes que estão inscritos no Expocom é relevante também pelo fato de, no ambiente universitário, ser possível experimentar, errar, aprender e testar de modo mais intenso e livre do que o mercado de trabalho possibilita. Assim, os vídeos podem fugir às regras de mercado, estabelecidas sob



interesses comerciais, e assumir um caráter mais educativo e audacioso, sem finalidades lucrativas.

A respeito disso, convém pontuar que, conforme a política editorial das emissoras de TV, o telejornal pode extrair da matéria apenas a parte que lhe convém¹². Não à toa, o editor pode decidir o enfoque, o tempo de duração, o tamanho e a manchete de matérias, chegando até mesmo a aumentar, diminuir ou omitir fatos – e, assim, a “criar outro mundo, outra história que pouco tem que ver com o mundo real, pois sofre toda uma série de mutilações” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 56). Dessa forma, o editor pode contribuir na modelagem da opinião pública segundo suas intenções próprias ou interesses de outros jornalistas, proprietários e até patrocinadores. Como realça Marcondes Filho (1988, p. 56), a imagem que a população constrói do país, da cultura e do povo é, então, fortemente influenciada ou, em casos extremos, totalmente forjada por informações imprecisas, tendenciosas, deturpadas e inexatas – o que, em vídeos experimentais como os inscritos no Expocom, pode ser contestado com produtos sérios, éticos e socialmente responsáveis.

Além do apelo por vezes sensacionalista e emocionalista, o veículo televisual, por ser popularizado, não pode dificultar a vida do público, não apenas para atingir a um número maior de receptores e vender mais, mas, também, porque necessita diluir as complicações. Uma matéria telejornalística, por exemplo, não pode pressupor que o espectador tenha, na memória, muitas informações acerca de certo fato ou conhecimentos prévios armazenados – o que implica, freqüentemente, começar do zero para que o público não se perca no emaranhado de dados. Logo, “[...] não existe princípio de continuidade na TV” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 87).

Assim, os dois vídeos do Jornal da Facom inscritos colaboram na produção brasileira de vídeos experimentais, à medida que estão embasados na discussão prévia de conceitos, paradigmas, desafios e mitos do telejornalismo e da abordagem midiática contemporânea. A prática permitiu aos acadêmicos a consolidação de pressupostos teóricos e a solidificação de técnicas e habilidades ensinadas na faculdade, sendo que a exposição desses programas no Expocom pode contribuir para ratificar a diversidade de produções televisuais no país (em âmbito universitário), representar a multiplicidade cultural (com a faceta mineira presente em ambos os vídeos) e expor como é possível aplicar fundamentos gerais da produção

¹² Negando a plena objetividade jornalística – sustentada no século XIX pela Teoria do Espelho (segundo a qual as notícias são um reflexo do mundo real) –, a abordagem teórica do *Newsmaking* defende que o jornalismo, ao invés de ser o espelho do real, é, antes, uma construção social de uma suposta realidade. Assim, essa teoria construtivista articula-se em três vertentes principais: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. Para uma de suas pesquisadoras, a socióloga norte-americana Gaye Tuchman, o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial, com procedimentos próprios e limites organizacionais que submetem o jornalista e o impedem de ter autonomia incondicional e total no exercício de sua profissão.

telejornalística em trabalhos de caráter local ou regional – cada vez mais valorizados pelas redes nacionais de TV, à medida que oferecem proximidade e imediata identificação para com o público local, cativando e fidelizando audiência ao longo da programação.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na opinião do jornalista Luís Carlos Bittencourt (1993), cada assunto merece um tratamento particular pelo telejornal, sendo que não existe “a” reportagem nem uma fórmula matemática para ser utilizada em todas as matérias. Antes, ele realça a experiência de cada um, a técnica personalizada e os macetes adquiridos – o que, realmente, influencia no exercício da profissão e elimina a noção errônea de imparcialidade, objetividade ou neutralidade plenas no jornalismo, inclusive o televisivo.

Para o autor (1993), as matérias telejornalísticas possuem estrutura similar à narrativa ficcional. De fato, percebe-se que, num VT (*videotape*) com a reportagem editada e pronta, existem elementos como a narração coberta por imagens – o *off* –, os discursos indireto e direto – com a fala do repórter e os sobe-sons dos entrevistados, respectivamente – e a descrição, tida por Bittencourt como um atributo da imagem reforçada pelo texto, além de muitas matérias conterem o princípio do chamado *happy end* – o “final feliz” presente em histórias do tipo conto de fadas, por exemplo.

Muitos desses itens estão presentes enquanto métodos adotados na produção dos dois programas inscritos. A primeira técnica utilizada é a produção da pauta jornalística para TV, a qual serve como roteiro de realização da reportagem, com o assunto e as fontes a serem entrevistadas. A peculiaridade desse tipo de pauta, em comparação a outros meios (como o impresso ou o radiofônico), está no fato de que a notícia para televisão geralmente apoia-se na presença da imagem, de modo que ela deve ser pensada nesse momento inicial. Isso significa que, sem a possibilidade de gravar imagens para um telejornal, muitas matérias pensadas podem ser interrompidas e não realizadas – apesar de se ressaltar que a imagem não deve ser deificada, já que a força da palavra também permanece no meio televisivo.

Na técnica seguinte, veio a gravação das matérias para o Jornal da Facom, envolvendo a captação de entrevistas (sonoras) e imagens. O método abrangeu, para certas matérias, a escolha de personagens, tal como comumente se verifica em telejornais tradicionais e renomados. Geralmente, quando o repórter aparece na matéria (passagem), ele está, de certa maneira, “assinando” seu trabalho, de modo que, na maior parte das matérias dos dois programas inscritos, houve tais passagens, treinando-se a capacidade de memorizar os dados e transmiti-los com credibilidade e bom senso. Em seguida, gravam-se, ainda, os *offs*, nos quais

o repórter relata textos que, na montagem final, permearão sua matéria, conduzindo-a de forma agradável e compreensível ao telespectador.

Após a gravação do material em fita mini-DV (com câmeras cedidas pela faculdade), o método posterior é a edição (em ilha da própria universidade), que está entre as etapas finais do processo no telejornalismo, normalmente vindo depois da escolha da pauta, da realização da matéria pelo repórter e pelo cinegrafista e da decupagem, quando o editor vê e ouve seletivamente o material bruto gravado. Segundo Heródoto Barbeiro (2002, p. 100), a edição consiste na montagem final da reportagem, selecionando-se o que permanecerá e o que será dispensado nas cenas. Mas o jornalista ressalta (2002, p. 106) que o editor, apesar de dever usar todos os recursos audiovisuais possíveis para ter um bom resultado, jamais deve empregá-los para deturpar uma matéria, baseando-se sempre na ética da fidelidade às informações. Afinal, todo o processo de produção de um material jornalístico¹³ confere sentido à narrativa final.

Por fim, a apresentação dos âncoras marca a técnica de gravação das manchetes, das “cabeças” de matéria e das notas-pé (declaradas pelo apresentador do telejornal após a exibição da reportagem) no estúdio de TV da própria faculdade. Além disso, empregaram-se, em um dos telejornais inscritos, os métodos da “nota seca” (notícia apresentada pelo âncora, sem apoio de imagem) e da “nota coberta” (noticiada pelo apresentador com respaldo de imagens previamente gravadas).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O primeiro vídeo do Jornal da Facom inscrito (concluído em abril de 2009) tem aproximadamente 20 minutos de duração e possui matérias nos diversos formatos do telejornalismo tradicional: seis “matérias convencionais” (com *off*, passagem e entrevistas), duas notas secas e duas cobertas. Abaixo, apresentam-se os assuntos tratados e o modelo no qual foram noticiados:

ASSUNTO	FORMATO
Golpe do bilhete premiado continua fazendo vítimas	Matéria convencional
26ª Semana de História da UFJF (evento sobre 20 anos da queda do muro de Berlim)	Nota coberta (com imagens de uma palestra)
UFJF recebe estrangeiros no programa de intercâmbio	Matéria convencional
Quadro “Tiradentes esquartejado”, de Pedro Américo, é emprestado pelo Museu	Nota seca

¹³ Como aponta a Teoria do *Gatekeeper*, desenvolvida no campo da Comunicação por David Manning White em 1950, as decisões tomadas no decorrer desse processo também se apóiam em critérios subjetivos, variando conforme o profissional que ocupa certa função. As etapas de criação do produto jornalístico podem, então, ser consideradas uma seleção (por filtros, *gates* ou “portões”) pela qual as mensagens passam ou são bloqueadas, desde o emissor até o receptor.



Mariano Procópio à exposição “Inconfidência Mineira no contexto da Revolução Francesa”, em Ouro Preto	
Número de vagas da área azul (estacionamento rotativo pago) é ampliado na cidade	Nota coberta (com imagens de trânsito)
24ª edição do Seminário “Os caminhos do teatro”, abordando temas como vida de ator, dramaturgia, representação e políticas culturais	Matéria convencional
Escola em distrito de Juiz de Fora sofre com estrutura inadequada, e 70% dos 243 alunos têm dificuldade para chegar ao colégio por viverem na zona rural, andando horas a pé ou a cavalo	Matéria convencional
Dança para a terceira idade	Matéria convencional
Dia de vacinação contra a gripe para idosos	Nota seca
UFJF comemora 80 anos do Cine Theatro Central, ícone da cultura local que chegou a ser considerado o maior espaço de cultura do estado	Matéria convencional

Convém explicar que os oito estudantes foram divididos em quatro duplas: três delas formadas por repórteres e cinegrafistas (cada membro da dupla ocupou as duas funções) e uma dupla assumiu a função de editora, com auxílio de técnicos da faculdade. Assim, cada dupla de repórteres produziu duas matérias, além de alguns deles terem colaborado gravando imagens para as notas cobertas. Houve matérias com o chamado “povo fala”, entrevistando anônimos da população, sem necessidade de crédito (gerador de caracteres com nome e profissão).

Ressalta-se a pluralidade de temas abordados, com matérias de interesse público e cunho social, abordando assuntos como saúde, cultura, educação, cidade e região. Inclusive, matéria de alerta (como a de golpes de estelionatários) e de denúncia (como a da escola em situação precária) compuseram esse telejornal experimental, reforçando seu caráter cidadão. O jornal é encerrado com imagens do show do cantor Emerson Nogueira, em apresentação no evento de 80 anos do Cine Theatro Central de Juiz de Fora-MG.

Já o segundo vídeo (finalizado em maio de 2009), com cerca de 15 minutos de duração, foi um programa especial gravado na cidade mineira de São João Del Rei, localizada a 200 quilômetros de Belo Horizonte e eleita a capital brasileira da cultura em 2007. É importante ressaltar que os alunos viajaram para o local onde fariam as matérias e tiveram apenas uma tarde para produzirem suas pautas. A unidade móvel, cedida pela UFJF, ficou à disposição da turma de alunos que deslocaram-se por vários pontos da cidade com duas câmaras portáteis (mini DV), também cedidas pela Facom. Todo o processo foi coordenado pela professora Cristina Brandão, que, inclusive, acompanhou o desenvolvimento e escolhas de pautas na cidade de São João Del-Rei.



Para essa edição original e diferente do Jornal da Facom, cada uma das quatro duplas de repórteres produziu uma pauta e realizou a reportagem (sendo um repórter e um cinegrafista). Além disso, uma das duplas desempenhou a função de editar o programa e, assim, finalizá-lo. As quatro matérias foram as seguintes:

ASSUNTO	FORMATO
História breve de São João Del Rei e introdução ao programa, apresentando casas históricas, museus, artesanato, atrativos turísticos, igrejas com patrimônios do Barroco, cemitério (túmulo do ex-presidente Tancredo Neves) e maria fumaça	Matéria convencional
Grupo teatral Manicômicos e suas atividades com apoio do comércio local, de voluntários e de políticas de incentivo, oferecendo aulas de teatro e apresentando peças, além do projeto “Arte por toda parte” (montando desenhos em forma de mosaicos com azulejos)	Matéria convencional
Culinária local e receita do “Frango ora pro nobis”	Matéria convencional
Lazer, turismo ecológico, aventura e passeios ao ar livre, destacando a Cachoeira do Mangue e a Serra de Lenheiro, com belezas escondidas entre as rochas e belas paisagens naturais	Matéria convencional

Ao final do programa, foram exibidas mais imagens de São João Del Rei. A ideia do especial foi valorizar a cultura regional e revelar curiosidades e informações acerca da cidade histórica.

6 CONSIDERAÇÕES

Um dos aspectos polêmicos sobre a televisão é o mito de que nela só aparece o belo, haja vista que ela também mostra a dor, a miséria, o crime, a tragédia, o caos, a desgraça. A carga negativa de certos acontecimentos constitui, aliás, um importante critério de noticiabilidade na escolha do que merece ou não ser veiculado. Entretanto, na opinião de Marcondes Filho (1988, p. 58), a carga positiva de um noticiário só existe em oposição à negatividade real ou imaginária. Também é pertinente expor o relato do editor-chefe do Jornal Nacional (JN, da TV Globo), William Bonner, sobre o equilíbrio do “clima” do programa telejornalístico JN:

Num dia de noticiário predominantemente violento, é desejável que tenhamos algum contraponto jornalisticamente importante. Mas que não seja tão ‘leve’ a ponto de sugerir alguma forma de escapismo tolo, ou que resvale para a pieguice barata. Às vezes, essa é a tarefa mais difícil na composição de um espelho. Contemplados com tempo todos os assuntos mais relevantes do dia, é hora de selecionar os temas que acompanharão o noticiário, que darão ritmo agradável, ou um clima equilibrado ao Jornal Nacional, em respeito ao fato de que se trata de um programa de televisão que divulga notícias. E um programa de televisão tem de ser agradável de ver. (BONNER, 2009, p. 105).



Assim, tanto Marcondes Filho quanto Bonner reconhecem a função de contrapor temas negativos e positivos num telejornal. Porém, o sociólogo empreende a denúncia de que o telejornalismo nem sempre informa, mas às vezes encena. Em contrapartida, Bonner realça o caráter “delicadíssimo” (2009, p. 105) da seleção de matérias, tendo de “cumprir o objetivo do JN respeitando sua natureza de produto televisivo, a inteligência e a sensibilidade do público” (2009, p. 105). Tal contraste entre assuntos mais sérios e outros mais leves também fez parte do Jornal da Facom (primeiro vídeo inscrito).

Já com relação ao segundo audiovisual, discorda-se da análise do sociólogo Marcondes Filho segunda a qual toda existência profissional, subjetiva e pública é viabilizada apenas pelas tecnologias. Na matéria sobre o grupo teatral Manicômicos, por exemplo, tal ponderação é questionável, porque restringe à técnica a capacidade de permitir o reconhecimento de identidades, sendo que é constatável que iniciativas artísticas – como grupos de teatro, hip hop, música e dança – e movimentos comunitários – como em favor do esporte, da cultura e da cidadania – também são capazes de possibilitarem a (auto-)afirmação de indivíduos, tanto quanto ou até mais do que o permitem tecnologias como os meios massivos de comunicação.

É esse produto televisivo, por vezes controverso, que atualmente exerce o papel principal na informação de grande parte da população brasileira, especialmente a de baixa renda, cujo acesso a outros meios – como o jornalismo impresso ou o eletrônico, via Internet – mostra-se limitado. Diariamente, milhões de telespectadores assistem a um espetáculo de notícias, emitidas com som e imagem, o que demonstra a importância de se produzirem vídeos telejornalísticos experimentais, como os dois vídeos inscritos ao Expocom 2010, refletindo sobre o fazer midiático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. “A edição”. In: **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1993.
- BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.
- _____. **Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002.
- PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.